

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: 26

Data: 02.11.86

Pg.: _____

Araweté, os canibais exemplares

MANUELA C. DA CUNHA

Especial para a Folha

publicação integral. Há trechos antológicos pelo estilo inspirado em que são escritos, mas também pela perspicácia e agudeza que põem em obra: tomo, à guisa de exemplo, a descrição da cauinagem, essencial para, através de instituições vivas, se entenderem os cronistas do séc. 16; a descrição dos ritmos da vida na aldeia; a dessa singular instituição araweté que são os "ménage à quatre", o quarteto amoroso que une dois casais. Talvez valha a pena ressaltar que, contrastando com os que passam só três semanas ou cinco meses numa aldeia, o autor colheu seu material como manda o figurino, em onze meses de pesquisa de campo, e que fornece assim a primeira descrição sistemática de um grupo recém-contatado. Mas o etnográfico é aqui também posto a serviço da comparação e sobretudo da reflexão e da imaginação, sem a qual, dizia Leach, não passam os antropólogos de meros colecionadores de borboletas.

Dinâmica primitiva

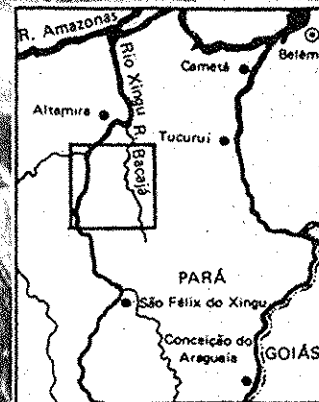
Uma das questões atuais da antropologia que autores como Sahlins ou Rosaldo trataram com respectivamente maior e menor felicidade, é a da dinâmica das sociedades ditas primitivas, o que inclui sua relação com a temporalidade. A noção tradicional de que "a estrutura de tais sociedades resiste ao evento está associada a outra, que data de Durkheim, de que tudo nelas conspira para que se mantenham fechadas, idênticas a si mesmas: idéia que ressurge por exemplo no quadro que Pierre Clastres traça da Sociedade contra o Estado. Até recentemente, a escassa etnografia sul-americana parecia poder sustentar tal visão. Somente os grupos de língua Jê, graças às etnografias de Nimuendaju e às reflexões dos estruturalistas —seja reformados, seja de estrita observância—, haviam desembocado em um modelo coerente, que serve aliás de ponto de referência comparativo para todos os outros.

Cosmologia complexa

Os trabalhos sobre as populações do escudo da Guiana começaram a alterar esse quadro, os grupos Tupi permaneciam ainda refratários a qualquer inteligibilidade: faltava-lhes tudo o que fazia a riqueza sociológica dos Jê. Viviam em uma penúria de organização social (nada das espetaculares metades Jê) e num amorfismo espacial (nada de aldeias em círculos ou em ferradura, onde cada qual —e o antropólogo também— se situa). Dessa penúria, dessa necessidade, Eduardo V. de Castro fez virtude. Se as sociedades



Índia Iapri-hi; no destaque, a localização atual dos Araweté



Tupi parecem amorfas, é que seu nexo não é deste mundo: reside numa cosmologia complexa, povoada de espíritos e sobretudo numa escatologia cuja importância já foi assinalada para os Tupi-Guarani históricos.

Os deuses Araweté são canibais: enquanto o cadáver de um homem apodrece, eles devoram seu duplo celeste e cozinham-no em um banho vivificador. Graças a este processo, os homens se tornam deuses ou, o que é equivalente em termos Araweté, Pessoas plenas. Todo homem é portanto potencialmente um deus, todo vivente um projeto de Pessoa: o operador dessa metamorfose é o canibalismo e o canibalismo é o que define o inimigo. Se, como já se escreveu para uma sociedade Jê, os mortos são pensados como inimigos, como outros, e fornecem especularmente aos vivos, pela negação, a

imagem de sua identidade, aqui os mortos, inimigos também e até canibais, são a condição de acesso ao ser. De tal forma que a Pessoa Araweté é sempre um vir a ser, um devir, a que teoricamente se acede pela via (digestiva) do inimigo. O inimigo é aqui, escreve Eduardo V. de Castro, um destino e não um espelho.

O resultado de tal metafísica é um modelo de sociedade anti-durkheimiana e até, na medida em que se opõe aos Jê, anti-estruturalistas: sociedade aberta e que acolhe a dimensão temporal como fundante; ou seja, uma sociedade que responde aos anseios teóricos de nossa época. De ora em diante, é como dizia Oswald de Andrade: "tupi or not tupi".

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA é professora de Antropologia na USP e presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAIS, de Eduardo Viveiros de Castro. Jorge Zahar, 744 págs. Cr\$ 200,00.

ARAWETÉ os deuses canibais



Eduardo Viveiros de Castro

Há vinte anos, Max Gluckman iniciava um livro com a apresentação dos "personagens" antropológicos da época. Enumerava 41 sociedades, na maioria africanas, e referia-se em poucas linhas às características que as haviam tornado célebres e ao antropólogo que as celebrizara.

As sociedades têm assim seus "autores", os que conseguem apresentar os princípios de sua organização sob uma forma sintética e que permitam a comparação. As ausências desse processo de "revelação", ficam relegadas ao lixo da antropologia. Mas essa revelação exige instrumentos que ou estão já disponíveis na teoria e só necessitam de pequenas adaptações —caso em que não se cria um novo tipo, apenas uma reiteração de modelos conhecidos— ou são forjados especialmente para a ocasião. Quando estes instrumentos estão, além disso, sintonizados com as questões da época, como foi o caso do estruturalismo, emergem novos clássicos não só para a reflexão antropológica mas para a reflexão filosófica em geral. Cabe aos antropólogos mais talentosos de cada geração terem a sensibilidade de perceberem as questões que estão no ar e de intuírem sua correspondência com certas sociedades.

Erudição exaustiva

Este preâmbulo vem desembocar no seguinte: o livro que Eduardo Viveiros de Castro acaba de publicar sobre os Araweté, povo de língua tupi do médio Xingu, é um desses êxitos da antropologia em que entram em ressonância temas que estão na ordem do dia em uma sociedade concreta. O resultado é um livro admiravelmente bem escrito, cheio de verve e de achados, fundado na mais estrita disciplina acadêmica e numa erudição etnográfica exaustiva.

Passarei rapidamente pelos temas propriamente etnográficos, que por si só já tornam precioso o livro e justificariam o prêmio de melhor tese de doutoramento que a Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs) conferiu ao texto, o que felizmente permitiu sua